



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

MARIA CRISTIANE SATURNINO GOMES

**À MARGEM DA VIDA:
LITERATURA E PROSTITUIÇÃO EM *UM RAMO PARA LUÍSA*, DE JOSÉ CONDÉ**

**MONTEIRO
2018**

MARIA CRISTIANE SATURNINO GOMES

**À MARGEM DA VIDA:
LITERATURA E PROSTITUIÇÃO EM *UM RAMO PARA LUÍSA*, DE JOSÉ CONDÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras-Português, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de licenciada
em Letras.

Área de concentração: Literatura
Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros
da Silva

**MONTEIRO
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G631m Gomes, Maria Cristiane Saturnino.

À margem da vida [manuscrito] : literatura e prostituição em *Um ramo para Luísa* de José Condé / Maria Cristiane Saturnino Gomes. - 2018.

50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Literatura erótica. 2. Um ramo para Luísa (Obra). 3. José Condé. 4. Trabalho sexual. 5. Prostituição feminina.

21. ed. CDD 801.959

MARIA CRISTIANE SATURNINO GOMES

**À MARGEM DA VIDA:
LITERATURA E PROSTITUIÇÃO EM UM RAMO PARA LUÍSA, DE JOSÉ CONDÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras-Português, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de licenciada
em Letras.

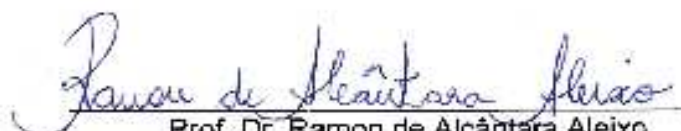
Área de concentração: Literatura
Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros
da Silva

Aprovada em: 13/04/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Ramon de Alcântara Aleixo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, pelo incentivo, compreensão
apoio e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (*in memoriam*), embora não tendo a oportunidade de convivermos juntos, continua presente entre nós, através dos ensinamentos deixados.

À minha mãe, por ser esta mulher forte e batalhadora, que soube criar tão bem todos os filhos.

Ao meu esposo e filho, por estarem ao meu lado em todos os momentos, me apoiando quando necessitei ficar ausente, e pelas demonstrações de amor e de companheirismo.

Aos meus irmãos, pela amizade, carinho, incentivo e esforços para que concluísse o curso.

Ao professor Marcelo Medeiros da Silva pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência, puxões de orelha e dedicação.

Enfim, a todos que me auxiliaram direta ou indiretamente para realização do curso e pesquisa de conclusão de curso.

“O mundo Não é feito de vítimas.
Todo mundo negocia.
Uns negociam bem, outros mal.
Mas, cada um sabe, o mínimo que seja,
quanto vale aquilo que quer.
E sabe até onde vai para conseguir o que quer.
Com a prostituta não é diferente.”
(GABRIELA LEITE, 2009)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	DA PROSTITUIÇÃO: O CORPO A SERVIÇO DOS DEUSES E DOS HOMENS.....	11
2.1.	Um ramo para Luísa: apresentação da obra	26
2.2.	Prostituição, amor e dor: representações em <i>Um Ramo para Luísa</i>	33
2.3.	Luísa e Paulo, sob as consequências da desconfiança e da traição.....	41
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	49

À MARGEM DA VIDA: LITERATURA E PROSTITUIÇÃO EM UM RAMO PARA LUÍSA, DE JOSÉ CONDÉ

Maria Cristiane Saturnino Gomes

RESUMO

A prostituição, de modo geral, é uma atividade que envolve mistérios, atrações, rejeições e punições sociais. Configura-se como uma das profissões que é praticada desde a antiguidade, suscitando diversos questionamentos, e motivando pesquisas e estudos que busquem desvendar os mistérios e todas as incógnitas que a envolvem. Nesse sentido, a partir de alguns aportes teóricos como Magali Engel (2004), Margareth Rago (2008) e Laure Adler (1991), procuramos estudar como a relação mulher e prostituição encontra-se configurada na novela “Um Ramo para Luísa”, de José Condé. Nosso objetivo é fazer uma análise dessa obra, procurando entender até que ponto as representações acerca da prostituição podem estar em consonância ou não com os discursos socialmente construídos sobre a referida temática. Para tanto, procuraremos entender como essa prática foi e é vista no decorrer da história; observaremos como a temática é tratada na bibliografia apresentada nos referenciais e também faremos reflexões sobre as relações interpessoais envolvendo cliente/prostituta.

Palavras-Chave: Literatura. Prostituição Feminina.

1. INTRODUÇÃO

Tem a literatura a capacidade de criar e recriar através dos seus escritores e respectivos personagens situações cotidianas. Sem compromisso com a verdade e sem preocupações com julgamentos, os autores despem seus sentimentos e criam personagens que mesmo não sendo reais vivenciam dilemas que nos são próximos.

Solidão, tristeza, amor, dor, vazio. São estes os sentimentos que permeiam a vida da personagem da obra em análise neste artigo. Condé* Em 1959 criara a prostituta que nos deu aporte para este trabalho. Luisa, prostituta por necessidade,

* José Ferreira Condé, pernambucano da cidade de Caruaru, em 1930 muda-se para o Rio de Janeiro onde inicia sua carreira profissional. Escritor premiado alcançou diversos prêmios com a publicação de suas obras, nas quais procurava retratar simultaneamente, o regionalismo e o urbano, numa linha que migra por estilos como o dramático, o fantástico, o épico e o pitoresco. Porém suas obras ainda são pouquíssimas estudadas. O pesquisador Edson Tavares fez, em 2013, um amplo estudo sobre vida e obra de Condé, em trabalho de tese intitulado *A construção e a permanência do nome do autor: O caso de Condé*.

pois se prostitui para sustentar a si o seu filho, apaixonar-se por Paulo, mas devido o preconceito que sofre por ser meretriz não pode vivenciar essa paixão.

O tema da prostituição no decorrer da história sempre foi um tabu. Incompreendidas, julgadas, rechaçadas, assassinadas, uma classe sem visibilidade positiva, sempre com estigmas negativos. Corpos coisificados, vendidos por alguns trocados. Tema que necessita de maiores discussões, pois é uma prática bastante frequente, atemporal, exercida em vários países do mundo. Uma profissão enigmática que mobiliza discussões e motiva estudos. Apesar de não ser uma prática exclusivamente feminina.

Este trabalho discorrerá sobre a prostituição feminina, pautado em aportes literários que a apresentam e, as consequências ocasionados pelos paradigmas sociais que estabelecem limites consideráveis sobre o que se deve ou não ser admitidos como normal ou anormal socialmente. Sob essa perspectiva, a prostituição é apontada como anormal, havendo uma tênue exceção quando era praticada como oferenda aos deuses na antiguidade.

Porém, na grande maioria dos casos, a prostituição é e sempre foi classificada como prática anormal, e as mulheres que a exercem são julgadas pelo crivo social, através do qual são consideradas amorais e antiéticas. Contudo, os relatos mostram que os estudos se estendem, não se restringindo apenas ao julgamento popular, levantando ainda, estudos que discutem a prostituição como anomalia física e/ou psicológica. São inúmeros os adjetivos pejorativos utilizados para descrever as prostitutas, o fato é que, mesmo menosprezadas elas continuam a exercê-la. As motivações para este fato podem ser sintetizadas na busca por recursos financeiros. A falta de dinheiro e de outras oportunidades para conquistá-lo, motiva mulheres a ingressarem na prostituição se sujeitando a arcar com as consequências que, comumente, recairão sobre elas.

Diante da amplitude de questionamentos e incógnitas que envolvem esse mercado, as consequências não fogem ao contexto, podendo ser variadas também. Dentre elas, o preconceito, a marginalização, problemas policiais e a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (vigilância sanitária e higiene). Surge também a questão de gênero, através da qual se verifica o papel do homem e da mulher na cultura social, na qual aparece relacionada à função da mulher enquanto

mãe e esposa, submissa ao esposo que detém o poder, socialmente adquirido, de dominação, alheio as vontades da mulher que as reprime para priorizar a família.

Os campos de discurso são diversos, mas salientamos que este estudo tenciona apresentar em primeiro momento considerações sobre a prostituta que subjuga o corpo ao bel prazer dos deuses e dos homens, utilizando como base metodológica um levantamento bibliográfico no primeiro capítulo, no qual envolverão estudiosos como Magali Engel (2004), observando o discurso médico em relação às prostitutas, Laure Adler (1991) que faz um estudo riquíssimo sobre como o sexo se transforma em mercadoria na França entre 1830-1930, Renan Springer de Freitas (1985) refletindo acerca da prostituição e a construção da identidade, Margareth Rago (2008), dentre outros. No segundo capítulo, faremos um estudo baseado em “Um ramo para Luísa”, obra de ficção escrita pelo escritor pernambucano José Condé, observando como a prostituta encontra-se representada.

A carência de estudos científicos acerca do autor e da obra em análise foi o que nos impulsionou a fazer a escolha do referido tema e, ao mesmo tempo, foi um dos problemas encontrados, já que tínhamos poucos referenciais teóricos para nos aportar. Para tanto, utilizamos Vieira (2016) que faz um estudo detalhado sobre a obra *Um ramo para Luísa* de Condé.

2. DA PROSTITUIÇÃO: O corpo a serviço dos deuses e dos homens

Com a alcunha de profissão mais antiga do mundo, a prostituição se apresenta como um tema que fomenta o imaginário e desperta a curiosidade das pessoas, levando a pesquisas e estudos, no intuito de encontrar respaldos que, de alguma forma, conduzam a direcionamentos que auxiliem a desvendar as incógnitas que rodeiam a essa atividade.

Vista segundo aspectos pejorativos, ela desencadeia outros indicadores que se tornam agravantes da profissão, quando estão diretamente ligados a mesma. Tais como, os indicadores sociais, econômicos, de higiene, saúde, dentre outros.

Para Alves (2010), “Acresce-se ainda também o fato de que, ao estudar as direções tomadas pelos estudos de prostituição, é preciso observar alguns limites que a própria pesquisa impõe” (p. 19). Esses limites são atribuídos ao tempo, que

ocasiona constantes mudanças históricas, sociais, econômicas e culturais, por exemplo, dificultando a precisão e um maior acervo literários.

Fundamentadas em alguns aportes teóricos, iniciaremos nossos estudos apresentado algumas definições sobre o termo “prostituição”:

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (1988),

“Ato ou efeito de prostituir ou prostituir-se; ato pelo qual uma pessoa consente em ter relações sexuais com um número indeterminado de outras pessoas mediante remuneração: vida de prostituta; o conjunto das prostitutas. || (p.ext.) Vida desregrada. || (fig.) Uso degradante de coisa respeitável; profanação. (Do lat.: prostitutio, onis.)” (NASCENTES, 1988, p. 515-516).

O Dicionário da Língua Portuguesa apresenta conceitos bem específicos sobre prostituição, como realização de relações sexuais em troca de dinheiro; faz menção à degradação do corpo como algo que deveria ser respeitado; assim como, cita a visão religiosa, quando fala em profanação, ato que transgride os preceitos religiosos e que enfocam negativamente essa atividade.

Quando nos remetemos ao universo religioso, podemos observar que há diversas passagens na Bíblia Sagrada que reprovam a prática da prostituição, apesar dela ser bastante frequente nos tempos bíblicos. Várias prostitutas eram muito pobres ou escravas, porém também havia mulheres adúlteras que foram consideradas como sendo.

Ao mencionarmos uma definição mais voltada para a visão religiosa temos:

PROSTITUIÇÃO - Ato ou prática de relações sexuais promíscuas, especialmente por dinheiro. Várias palavras são usadas para a mulher que se engaja em atividade sexual ilícita por dinheiro, incluindo meretriz, vadia e prostituta. Um tipo de meretriz era a prostituta do templo, que realizava atos sexuais no templo pagão (Os. 4.12-14). Os cultos à prostituição tanto masculina quanto feminina eram dirigidos nesses templos. Todas as vezes que Judá foi governada por um rei justo, tal rei buscou retirar as prostitutas do templo de sua terra (2R 23.4-14).

As normas religiosas condenam a prostituição, e consideram inaceitável sua prática dentro dos parâmetros cristãos. Segundo o Cristianismo, a violação do templo vivo e sagrado, como é considerado o corpo humano, pela busca do prazer e em troca de dinheiro, é considerada pecado.

Essa prática como oferenda aos deuses no templo, não deve ser confundida com os critérios Cristãos, pois está associada ao paganismo. No entanto, vemos que

esses rituais pagãos não eram aceitos por todos os reis, apenas por aqueles que eram considerados injustos. Os justos retiravam as pessoas que se prostituíam do templo, por serem consideradas indignas e por condenarem tal prática

Com o epíteto de profissão mais antiga do mundo, sempre ocupou, na história de muitas civilizações, um lugar bastante peculiar. Para alguns historiadores, foi descrita como algo sagrado, relacionado ao misticismo e às deusas. Conforme relata Batista (2011):

A historiografia pode ser utilizada como objeto de análise para a pesquisa histórica. Ela é obra dos historiadores, portanto fruto das diferentes interpretações que os mesmos têm sobre o passado. No caso da ideia de “prostituição sagrada”, os pesquisadores do assunto têm acesso às informações sobre essa prática por meio de fontes produzidas na antiguidade: o relato de Heródoto sobre as mulheres babilônias do templo de Milita, o relato de Gênesis sobre Tamar e Judá e o de Baruc, sobre as canaítas que ofereciam seus corpos como oferenda aos deuses, e há ainda as fontes orientais, de origem suméria, por exemplo, que listam os funcionários do templo, inclusive as sacerdotisas que poderiam estar envolvidas com o sexo ritualístico. (BATISTA, 2011 p. 189,190).

Como podemos perceber, nem sempre as prostitutas foram vistas como vítimas de um sistema hierárquico, monogâmico e patriarcal. Muitas foram admiradas pela intelectualidade e não só pela beleza de seus corpos, de forma que os espaços por onde circularam não eram apenas os do baixo meretrício. Nesse caso, na antiguidade, a prostituição era uma prática de oferenda aos deuses sob a ótica do misticismo e do sagrado.

Ao descrever informações cronológicas mais recentes, Rago (2008), afirma:

A prostituição concentrava-se nas áreas centrais e comerciais da cidade, próxima a bares, cafés-concerto, cabarés, teatros e cinemas que atraíam a burguesia endinheirada, os políticos, advogados, estudantes, trabalhadores e marginais de todos os tipos (RAGO, 2008, p. 95).

De acordo com estes estudos que apresentam diversificações de interpretações, a prostituição nem sempre foi vista sob o enfoque da proibição e do amoral. No entanto, não seria fácil descrever, precisamente, o tempo desses acontecimentos e posicionamentos. Para isso, necessitaria de estudos específicos, em determinado tempo e espaço. Nesta linha de pensamento, Adler (1991) aponta:

É difícil recortar em períodos bem precisos um estudo acerca da história das mentalidades, por definição difusa, e cujas raízes, sejam políticas [...]. Não se repete mais como se fosse uma queixa: a prostituição é a mais

antiga profissão do mundo, mas isso não quer dizer que não haja uma história! Poderíamos apontar o período de 1830-1930: esplendor e decadência da casa de prostituição (ADLER, 1991, p 15).

A prostituição profissionalizada, segundo Margareth Rago (2008), advém do processo de modernização, do crescimento econômico, da explosão demográfica e da desterritorialização das subjetividades. Por essas razões, é que os grandes centros urbanos serviram de esteio para a concentração das “novas formas dos amores ilícitos

Ao fazer uma breve análise sobre a origem do termo *prostituição*, percebemos que pode haver diversas compreensões sobre ele. De acordo com Sousa (2012),

A diversidade semântica ligada à prostituição é notada a partir dos diferentes vocábulos empregados para referenciar a pessoa que exerce essa prática social, de tal modo que a prostituta pode ser denominada como puta, quenga, garota de programa, meretriz, mulher de vida fácil, decaída, perdida, mariposa, trabalhadora do sexo, rameira, mulher da vida, profissional do sexo, etc. (SOUSA, 2012, p. 41)

Há variadas formas de denominação para as pessoas que a exercem. O emprego desses vocábulos acima descritos depende do meio social no qual se dá o ato da prostituição e em relação ao tempo e espaço geográfico. Alves (2010) destaca que o estudo da prostituição feminina foi sofrendo alterações ao longo dos tempos, tendo em vistas as tendências sociais e antropológicas em constantes mudanças. O autor afirma ainda que, “segundo Elias Thomé Saliba, distinguir tendências ou possíveis direções das mudanças no conhecimento histórico é tarefa quase impossível” (p. 19).

Essas alterações não podem ser especificamente descritas, devido à multiplicidade de informações e à amplitude geográfica em que se processam. Isto é, há uma gama de informações e não há uma delimitação de espaço, visto que, embora com tantos apontamentos negativos sobre a prostituição, desde sempre ela é exercida em todos os lugares.

À luz destas informações, abordaremos algumas considerações sobre a prostituta, a prostituição e as demais denominações, a partir da ótica em que são empregados como termos comerciais; que se referem à troca de serviços, em que alguém se pré-dispõe a realizar e outro se dispõe a pagar pelos mesmos recebidos.

Norteados pelas definições apresentadas, percebemos que embora a prostituição seja exercida há vários séculos, exceto quando era praticada como culto ou oferenda nos templos aos deuses, não era algo visto com bons olhos e aceitável em todas as vertentes sociais.

Em consonância, ao abordar o trabalho de Georg Simmel e Simone de Beauvoir (1892), publicado na Alemanha, Alves (2010, p. 20), relata: “Nesse trabalho, a prostituta é vista como desfavorecida e sobre ela recai uma carga de exclusão à medida que é responsabilizada por não ter tido melhor posição na sociedade”. Sob esta perspectiva, considera-se o discurso da autonomia da vontade, sem levar em consideração outros aspectos, tais como, as causas econômicas e sociais que as levam a se prostituir.

Conhecidas historicamente como disseminadoras do pecado, as prostitutas são estigmatizadas como representantes do mal e transgressoras da moral, dos bons costumes e da família, razão pela qual todos os epítetos atribuídos a elas são revestidos de uma semântica negativa:

Denominam-nas cortesãs, moças de vida fácil, moças de vida alegre, mulheres da noite, do amor, da rua, da zona, da vida, andorinhas, meretrizes, raparigas, rameiras, biskas, biscates, bruacas, damas, marafonas, messalinas, chinas, cocotes, horizontais, madames, mariposas mundanas, mulheres à toa... (ADLER, 1991, p.10).

Os epítetos acima são visões cristalizadas sobre o “ofício mais antigo do mundo” e, como tal, reiteram certos lugares comuns acerca da prática da prostituição. A exemplo da denominação de moças de vida fácil, temos, aqui, uma visão mais que superficial acerca de tal prática, visão essa que coloca o exercício da prostituição em nível inferior e, sobretudo, como algo condenável ao qual recorrem as mulheres “perdidas”.

Resta-nos saber por que razão elas são consideradas como mulheres perdidas. Perderam o quê? Na tentativa de responder, satisfatoriamente, a esta indagação, podemos mencionar as questões sociais, morais e religiosas, dentre outras.

Há estigmas e preconceitos que diferenciam e, conseqüentemente, distanciam os grupos dentro de uma sociedade. Os tipos de profissões exercidas por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, podem desencadear este tipo de atitude entre as pessoas, classificando-as de acordo com as normas formuladas. A escolha da

profissão e, conseqüentemente, do profissional que a exerce, ao ser caracterizado de acordo com essas normas, são aceitos ou rejeitados socialmente.

Socialmente, as mulheres que utilizam o corpo como subsídio para obter alguma espécie de renda são vistas como pessoas inferiores, que não são aceitas com bons olhos dentro dos círculos sociais. São rotuladas, apontadas, deixadas à margem, por serem mulheres consideradas indignas de circular livremente entre as demais, para não afrontarem os padrões desde sempre estabelecidos da moralidade familiar e social. São vistas como uma ameaça, como risco eminente de destruição dos lares e dos bons costumes.

Nesta ênfase, ressaltamos os alicerces morais, que são recorrentes quando se faz menção a este tipo de profissão. A moralidade é comumente lembrada, e não aparece relacionada à prostituição. A questão religiosa é um item tão polêmico quanto os demais. De acordo com a visão religiosa, observamos superficialmente a vida dessas mulheres, e podemos verificar que, sobre as prostitutas, foi criada uma nomenclatura de “perdição” por não temerem os “castigos divinos” e darem início a este “tipo de vida”.

Em concordância com esta afirmação sobre perdição, podemos destacar uma passagem bíblica em que uma mulher quase foi apedrejada por cometer adultério. E, segundo os costumes da época, uma mulher adúltera era considerada uma prostituta, pois o adultério era associado à prostituição, e essa mulher, conseqüentemente, passava a ser considerada uma prostituta. Esta passagem encontra-se no Novo Testamento, no Livro de João 8:3-5,

³ Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos
⁴ e disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério.

⁵ Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?" (JERUSALÉM, Bíblia de, 2012, p.1862)

De acordo com os costumes da época, uma mulher que fosse flagrada em adultério, receberia o castigo em praça pública, para expor a todos o seu pecado, e era excluída por todos. Assim como também não era permitido que frequentasse os mesmos locais aos quais, anteriormente, tinha acesso. Era marginalizada, considerada impura, devendo apenas misturar-se, com os semelhantes, também

impuros. Então, provavelmente, pode vir desse período o título de “mulheres perdidas”.

As prostitutas, também são vistas como moças de vida alegre. Denominação essa, advinda possivelmente, do fato de que o ofício de prostituta exige que esta esteja sempre sorridente, exultante para receber os clientes a quem, além de prazer, precisam oferecer alegria e divertimento. Razão pela qual o sorriso parece ser um pré-requisito mais do que necessário àquelas que exercem a profissão. No entanto, por traz dos vastos sorrisos, a solidão faz morada diante das situações as que se colocam as “damas da noite”; os sorrisos são máscaras que escondem, muitas vezes, a insatisfação pela vida, a ausência de afeto, a vontade de ter sentimentos tão singulares, que embora estejam na luta por dinheiro, ao consegui-lo, ele não é capaz de comprar.

Devido às singularidades de seu ofício, são também chamadas de mulheres da noite, visto que, na maioria das vezes, é sob a égide da noite que as prostitutas podem exercer a profissão em meio a um cenário que, na pena de alguns escritores, como José Condé (1987), foi descrito como marcado pela presença demasiada de bebidas, fumaças, luzes, cortinas, espelho, músicas, todos esses elementos para fomentar e manter acesa a chama do desejo erótico masculino, por essas mulheres transgressoras da “moral” e dos “bons costumes”.

Apesar da pecha preconceituosa que recai sobre essas “mariposas dissolutas”, elas são, dentro da lógica patriarcal, tidas como um mal necessário, já que, valendo-se do corpo, aplacam os desejos libidinosos dos homens, mantendo, assim, a integridade das moças castas, puritanas e imaculadas, livrando-as da desonra. Pois, as moças de família, precisam manter intacta sua reputação, de moças decentes, com o nome da familiar a zelar.

As concepções sociais e culturais consideram que as senhoritas que não se submetem ao julgo de serem apontadas pela sociedade, emolduradas sob a mesma visão que recair sobre as moças perdidas, apresentam maiores possibilidades de conseguir um rapaz para casar, visto que uma moça que conhece sexualmente outros homens não é considerada ideal para o matrimônio.

Então, os homens se valem das moças que se submetem a esta vida para saciar seus desejos e necessidades físicas. No entanto, vale salientar que esta visão preconceituosa se arrastou por muitos anos, porém, não se mantém tão firme nos

dias atuais. Os tempos vão mudando e as concepções acompanham as evoluções. Os paradigmas pré-estabelecidos sobre ética, moral, bons costumes, assim como os que correspondem às normas religiosas, vão sendo revistos de acordo com o tempo e o espaço em que vão transcorrendo. O que não significa que eles foram completamente abandonados, muitos princípios se mantêm, mas foram readaptados social e culturalmente, no transcorrer dos tempos.

Ao ampliar as discussões sobre as motivações da prostituição, Engel (2004) descreve:

Outro aspecto a ser considerado refere-se ao fato de que o prostituir-se pode representar uma escolha, na medida em que, em termos econômicos, sexuais e emocionais, o exercício da prostituição poderia viabilizar para a mulher a vivência de uma condição mais autônoma e independente. (ENGEL, 2004, p. 26)

No entanto, ao mencionar este argumento, não podemos deixar de indagar se a atividade da prostituição é de fato uma opção de vida, consequente da autonomia individual, atribuída especificamente às mulheres pobres, negras e que estão em situação de miserabilidade. Não podemos deixar de questionar se a própria situação de miserabilidade das mulheres não acaba se agravando através da própria prostituição, uma vez que sua prática é relacionada à marginalidade, bem como, é alvo de preconceitos, adquirindo conotações machistas e de aspectos de higiene e saúde. Para Saffiotti,

Convém lembrar que o patriarcado serve a interesses dos grupos/classes dominantes e que o sexismo não é meramente um preconceito, sendo também o poder de agir de acordo com ele. No que tange ao sexismo, o portador de preconceito está, pois, investido de poder, ou seja, habilitado pela sociedade a tratar legitimamente as pessoas sobre quem recai o preconceito da maneira como este as retrata. Em outras palavras, os preconceituosos – e este fenômeno não é individual, mas social – estão autorizados a discriminar categorias sociais, marginalizando-as do convívio social comum, só lhes permitindo uma integração subordinada, seja em certos grupos, seja na sociedade como um todo. (SAFFIOTTI, Heleieth, 2011, p. 123)

Dependo do tipo de tratamento atribuído a esses grupos, os diferencia e distancia cada vez mais, segregando-os.

Adler (1991) lembra que na abundante literatura acerca desta temática, apenas a mulher é considerada agente, ou seja, ela exerce o papel de “provocar,

perverter e arrastar o homem para a espiral da libertinagem e do vício”. Mas não podemos esquecer que no mercado dos corpos e dos desejos, atrelado à prostituição, existe outra personagem tão importante quanto à pessoa da prostituta: a figura “do outro, do corpo que deseja”, isto é, do prostituidor, sem o qual não há prostituição, não há mercado do sexo, não há circuitos de venda de prazer (ADLER, 1991, p.10-11).

Então, podemos perceber que, embora toda a responsabilidade social e economicamente, esteja atribuída à parte feminina da história, há o agente imprescindível neste cenário, sem o qual não se concretizaria a premissa da prostituição: o prostituidor.

O preconceito para com a profissão das meretrizes advém de várias formações discursivas que perpassam diversas classes sociais. Desde muito tempo, tais dizeres sobre a prostituição foram objetos de estudo e de tentativas de desvendamento que preocupam algumas repartições.

Para os médicos higienistas, o que preocupava não era somente a proliferação de doenças venéreas de que as prostitutas eram as disseminadoras, mas as próprias meretrizes. Pois, eram tidas como lixos perambulando pelas cidades, sujando as ruas, “desenfeitando” os lugares por onde circulavam as famílias e as “pessoas de bem”.

No discurso jurídico e policial, as prostitutas eram uma ameaça no que concerne à moral e à ordem social, pois eram tidas como arruaceiras e pivôs de toda e qualquer desordem existente na cidade. Como tais, constituíam ameaças para o descaso e o bem-estar das famílias da cidade.

Consideradas como pertencentes ao grupo de miseráveis, eram associada a marginais e viciados em drogas e tratadas como tal. No entanto, não eram retidas por um longo período, por não haver embasamento legal específico. Segundo Rodrigues (2004),

A perturbação da ordem pública é uma circunstância exemplar dessa demanda popular pela intervenção policial, assina Goldstein (1993). No contexto americano como no brasileiro, a atuação policial nessas ocasiões freqüentemente incluía a detenção de prostitutas, mendigos e drogaditos, não obstante a falta de amparo legal para efetuar-las. O contato policial com vagabundos, consumidores de drogas e prostitutas se estabelecia, recorrentemente, com vistas a obter informação e cooperação em investigações de delitos mais graves (RODRIGUES, 2004, p. 166).

Rodrigues (2004) destaca ainda:

Objetivamente a intervenção da polícia brasileira no âmbito da prostituição está, pois, associada tanto à suspeita de existência do crime de lenocínio quanto a conflitos relacionados à perturbação da ordem pública que, embora não se caracterizem como crimes, estão em sua esfera de atuação. Essas duas vertentes da atuação policial referem-se respectivamente às atribuições da polícia civil e da polícia militar (RODRIGUES, 2004, p. 167).

Paralelamente ao crescimento da prática da prostituição, acentuavam-se as formas de resistência à aceitação de convívio com as prostitutas que feriam a moral e os bons costumes sociais e familiares, e geravam conflitos, caso elas ultrapassassem os limites e ousassem frequentar os mesmos ambientes que os moralistas. Inicialmente, a separação era apenas social, isto é, em alguns locais como confeitarias, os horários de atendimento eram divididos para que não houvesse o encontro das famílias respeitáveis com as *demi-mondaines*². Entretanto, esta divisão atenua-se, e muitos moradores solicitavam aos poderes instituídos a transferência das “pensões alegres” para bairros mais afastados. Assim, a demarcação social cresce-se para uma repartição geográfica.

As mulheres de “família”, da época dos ricos burgueses, eram educadas e programadas para o casamento, para servir e amar apenas ao marido e ao lar. O perfil dessa mulher adequada ao casamento apresenta-se como o oposto da mulher que expunha seu corpo para ser subjugado ao prazer por diversos homens, reprimindo sua subjetividade.

Podemos observar aqui duas situações distintas, mas que podem apresentar semelhanças no que corresponde à repressão da subjetividade, sendo um dos casos impostos pela sociedade, e o outro, por padrões pessoais:

A “mulher pública” era visualizada como a que vendia o corpo como mercadoria: como vendedora e mercadoria simultaneamente. E também a mulher que era capaz de sentir prazer, que era lugar de prazer, mesmo sem amar, ou sem ser amada. Ela simbolizava, assim, a fragmentação do sujeito moderno e a separação radical entre erótico e o amor (RAGO, 2008, p. 43).

Vale a pena ressaltar que, nesse período, segundo Nascimento (2008), predominava a moral burguesa que disseminava entre os populares, que visionavam apenas duas alternativas para as mulheres: o casamento ou o meretrício. As mulheres apropriadas para o casamento eram as que não transgrediam as regras

² Termo utilizado na França do século dezenove, para designar mulheres sustentadas por parisienses ricos.

sociais, seguindo os padrões comportamentais adequadas às “moças de família” de sua época. Aquelas que fugiam às regras tornavam-se mal vistas, eram rotuladas e colocadas, socialmente, à margem do casamento, e esses rótulos são arraigados na sociedade. Sobre essas formas de padronização das concepções e práticas através das quais se age individual e coletivamente, no intuito de rotular dos demais, Sousa (2012) menciona:

Ao tomar parte de distintas práticas sociais e apreender valores, posturas, atitudes e saberes elaborados e repassados pelas pessoas que se relacionam no interior dessas práticas, os seres humanos vão construindo sua identidade à medida que atribuem sentido a si, aos outros e ao mundo (SOUSA, 2012, p. 30).

Ao ser impostas em uma dessas rotulações, parece que cessa o impedimento de migração de uma situação a outra. O signo de santa permanecerá intrínseco à mulher adequada ao casamento e o de puta, à mulher que se desvirtuou do seu caminho para o casamento.

Acreditamos que o que mais impactou e, de certa maneira ainda impacta a sociedade, seja esta liberdade transitória entre amor e erótico. A ideia que se perdura da mulher é a de submissa, sexo frágil, Amélia – a mulher que não questiona, que está sempre à disposição, religiosa, boa esposa, boa mãe e boa filha, amável e educada. A partir do momento que ela consegue se colocar como vendedora de sexo, e, neste contexto significa fazer sexo sem necessariamente amar, automaticamente, rompe essa ideia. Muitas vezes, condicionadas pela figura masculina, até mesmo de um pai ou esposo, são levadas à prática de meretriz.

Contudo, não estamos afirmando que estas mulheres não são capazes de amar. Muito pelo contrário. A maioria das prostitutas mantém compromisso fixo com homens e/ou mulheres, que são, em sua maioria, os chamados gigolôs. Elas se submetem a serem exploradas tentando beneficiá-los financeiramente, induzidas pelos sentimentos que nutrem, deixando-se explorar. Estes, em muitos casos, são os que manipulam, já que têm como característica principal a persuasão, induzindo as mulheres a se prostituir para lhes dar sustento e boa vida. Ou seja, a mulher passa boa parte da noite praticando sexo profissionalmente, isto é, fazendo com que seu cliente tenha prazer. Mas, possivelmente, só sentirá prazer com seu parceiro fixo, seu amante e consequentemente seu amor.

Talvez, essa afirmação se configure pela observância de que à prostituta não é dado o direito de amar, pois são mulheres desacreditadas que vendem o corpo, e os homens que as procuram buscam satisfação sexual e, às vezes, até expõem seus receios e segredos. Porém, não as consideram dignas de serem assumidas perante a sociedade como companheiras.

Estas mulheres serão frequentemente apontadas como as que tiveram vários homens. Então, quando se envolvem emocionalmente com pessoas oportunistas que tentam tirar vantagens desse sentimento, muitas vezes são exploradas.

A profissão, por muitas vezes, as coloca na condição de objeto, e esta não se caracteriza como condição da natureza humana. Ou seja, os seres humanos são dotados de sentimentos e necessitam deles para viver saudavelmente. Estes sentimentos, no entanto, se fazem ausentes na relação profissional-cliente.

Nascimento (2008), em *“O doce veneno da noite”*, ao estudar a prostituição no cotidiano da cidade paraibana de Campina Grande (1930-1950), relata com muita riqueza de detalhes as relações amorosas que envolviam paixão, posse e, sobretudo, dinheiro. Esses relacionamentos variavam bastante, se davam entre: “a) prostituta-gigolô”; situação da qual falamos anteriormente, “b) prostituta-cafetão(ina)”; este sendo muito invejado e cobiçado pelas demais meretrizes do cabaré, pois viam o(a) colega com um posto superior aos delas, entre outros.

A disputa era o combustível que movia e move estas profissionais: disputa pelo melhor cliente; pelo melhor quarto; pela confiança do cafetão(ina); pelo melhor ponto. Sobretudo, porque eram estas condições que as auxiliavam a adquirir mais recursos financeiros. Dependendo do posto hierárquico que era ocupado entre os pares, as possibilidades de ganhar mais se alargavam. Contudo, quando nesta disputa havia amor envolvido, a situação se tornava um tanto quanto mais complicada. Qualquer coisa que ameaçasse o relacionamento poderia ser resolvida de acordo com as próprias regras de quem se sentia prejudicado.

Ainda segundo Rago (2008), embora a figura de mulher pública e moças honradas de família estejam antagonicamente e socialmente em pólos extremos, a linha que separa a ambas é tênue, já que as mulheres casadas praticam sexo com um único homem, ou seja, seu marido, em troca de status, condição social, respeito e direito ao lar. As mulheres públicas, que se submetem à profissão do sexo, por sua vez, se prostituem com vários homens em troca de dinheiro.

Neste sentido, o ato de se prostituir está semanticamente ligado a servir e receber algo em troca, como assevera Beauvoir (1980, p. 324), "entre as que se vendem pela prostituição e as que se vendem pelo casamento, a única diferença consiste no preço e na duração do contrato."

Muitos foram os caminhos que levaram e levam as mulheres a se prostituir, embora o mais comum entre elas seja a dificuldade financeira. Geralmente advindas de famílias pobres, essas mulheres desamparadas "na vida e pela sorte" buscam sobreviver, outras almejam ascender socialmente, negociando seu único bem: o corpo. Por isso, fazem dele seu objeto de trabalho. Para compreendermos como a prostituição pode ser entendida como um trabalho, buscamos auxílio em Rodrigues (2010), que parafraseia Arendt, Lukács e Marx. Para Rodrigues, tal categoria pode ser vista sob a seguinte óptica:

A história do trabalho mostra a história da possibilidade da condição humana via trabalho. Está tradicionalmente associado à sofrimento, tortura e castigo, pois era ligado somente a concepção de trabalho como labor: mero esforço físico sem sentido para a humanidade. Com o Renascimento, o trabalho passa ser visto como produtor de obras e de histórias (trabalho na concepção de Arendt, 1987) e com a Revolução Industrial e a consolidação do emprego como forma primordial de vínculo com o trabalho, o trabalho ganha valor social e passa a ser o organizador social por excelência, gerando a ascensão do trabalho à dimensão ontológica para o ser social (Lukács, 1980; Marx, 1980) (RODRIGUES, 2010, p.18).

Considerando essa delimitação acerca da categoria trabalho e buscando respaldo na esteira de Rodrigues (2010), podemos afirmar que a prostituição se constitui como uma das formas de trabalho, já que:

A atividade da prostituição parte de um esforço físico e mental, tanto nos momentos de espera e de negociação com os clientes, quanto durante os "programas", que pode retroalimentar ou esgotar a prostituta. É uma atividade que busca uma meta (recompensa financeira, como qualquer trabalho dentro da lógica capitalista) e ascensão de carreira e visa gerar um resultado ou produto, que é a satisfação do cliente (como em qualquer outro comércio), sendo um processo que pode gerar transformação ou alienação na prostituta. (RODRIGUES, 2010, p. 20-21).

Alves (2010), acerca das perspectivas jurídicas sobre a prostituição, descreve:

Diante da prostituição, o Estado pode adotar três atitudes: 1. Autorizar através de regulamentação específica seu livre exercício, sendo visto como Regulamentarista; 2. Proibir através de legislação própria seu funcionamento, sendo caracterizado como Proibicionista e 3. Não

regulamentar, nem proibir a prostituição em si, mas criminalizar, com o intuito de abolir, quem explora essa atividade por enxergar nessa prática uma forma de violência, sendo descrito como Abolicionista, tal como é o Brasil hoje. (ALVES, 2010, p. 47)

De conformidade com a pesquisa de Tabuchi e Romffelf (2013), em 2002, o Ministério do Trabalho e do Emprego incluiu na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) a categoria “profissional do sexo”, indexada sob o número 5198-05, que caracteriza as atividades a serem realizadas quando se tratar da profissionalização.

Paralelamente as discussões sobre a profissionalização e a legalização da prostituição, ela continua sendo exercida. Muitas buscam ascender economicamente se utilizando do meretrício, isto é, ter sua própria casa de venda de prazer. Todavia, abrir um mercado desta natureza não é tarefa fácil, pois segundo Adler (1991):

Depois de ter conseguido vencer uma longa série de obstáculos relativos aos regulamentos e à polícia, é necessário encher a casa de carne fresca. Para saber recrutar, é preciso possuir dons de persuasão, de perspicácia, audácia, tino comercial e uma boa penetração em certos meios (ADLER, 1991, p. 51).

Outras procuram se estabilizar financeiramente para poder enfim abandonar a carreira na zona. Este segundo objetivo se torna mais difícil, já que objetivamente têm que abandonar a carreira de prostituta e isso, possivelmente, se tornará difícil conseguir trabalho em outra atividade.

A prostituição é abundantemente censurada. Aliás, quase que na sua totalidade, não é considerada como uma atividade profissional. “A prostituta é uma pessoa que, por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente.” Adler (1991, p. 10). Na gênese desse dilema, não é a prostituta que se marginaliza, mas sim a sociedade na qual convive.

Diferentes justificativas são atribuídas a esta profissão, com inigualável ignorância classificam-na como: safadeza, pessoas que querem ganhar dinheiro fácil, falta de vergonha. Todavia, vergonha é o que sobra para tal classe. Poucas profissionais do sexo afirmam com orgulho o que fazem. Anos de ofensas verbais, morais, psicológicas e principalmente físicas diminuem drasticamente a autoestima dessas profissionais. São excluídas, ignoradas, apedrejadas³, como se todo mal

³ Referência bíblica à figura de Maria Madalena

existente competissem a elas. Na medicina, são tidas como mulheres defeituosas como se tivessem nascido para ser prostitutas. Neste sentido Adler (1991, p. 11) afirma que “Ela não nasce prostituta, ela se torna uma. É uma profissão, não um estado”.

Pode-se observar, nas pesquisas e estudos referenciais, que há diversidade de fatores que levam à vida do meretrício, não sendo, necessariamente, por prazer e/ou porque gostavam. Na sua grande maioria são forçadas, algumas vezes, pelas condições financeiras outra por “[...] pais mal-intencionados, mães que querem ganhar dinheiro com a carne de sua própria carne, amantes atrevidos e pouco ciumentos que querem garantir o seu no fim do mês” (ADLER, 1991, p. 11).

Dentre muitos fantasmas que perseguem esta classe, o que mais assusta e coloca muitas vezes a carreira da meretriz em xeque é a doença. O risco de contrair uma doença sexualmente transmissível é altamente real, o que torna o medo cada vez mais incessante. O uso da camisinha muitas vezes é ignorado por parte dos clientes e qualquer exigência, sejam por ambas as partes, afeta diretamente no preço do programa. Entre quatro paredes tudo, absolutamente tudo, é negociável, cada especialidade, cada acesso, cada parte do corpo é comercializado, inclusive o uso ou não do preservativo. Para tanto, as moças se especializam em habilidades que lhes são repassadas através de experiências compartilhadas para a observação do cliente a fim de não contrair doenças venéreas. Pois, caso isto aconteça, a moça é obrigada muitas vezes a abandonar o emprego.

Uma pergunta que ainda permeia muito pela sociedade é: Por que homens casados que podem ter sexo grátis em casa e/ou depois da deliberação sexual procuram os serviços de prostitutas? Segundo Lins (2007),

Com a prostituta, o homem se sente livre para fazer o que deseja no sexo, do jeito e da forma que quiser e quando tiver vontade. O pagamento em dinheiro o livra de qualquer outro tipo de dívida. Não precisa se preocupar com o que a mulher deseja, se está agradando ou correspondendo as suas expectativas. Não há nenhuma cobrança. Se ela tem ou não orgasmo não é problema dele. Não precisa fingir que está apaixonado ou que vai procurá-la novamente, nem precisa pensar numa desculpa quando ela lhe telefonar. Isso nunca vai acontecer. Mesmo sendo um prazer individual, as regras não deixam dúvidas e ninguém está sendo enganado (LINS, 2007, p. 257).

Percebemos, desta forma, que embasada naquele modelo patriarcal da figura feminina, em que a mulher é instruída para ser esposa e mãe, não são

aceitáveis certos tipos de comportamentos sexuais mais livres como os que são oferecidos pelas prostitutas. Não se configurando com bons olhos, até mesmo pelo esposo, que a esposa tenha comportamentos sexuais fora dos padrões concebíveis ao permitido à figura da mulher com a qual o homem é casado ou mantém um relacionamento.

Acredita-se, pois, que a visão que o homem tem para com a sua esposa, seja a de uma mulher bem recatada, a quem são permitidos certos tipos de comportamentos sexuais mais livres, o que o impossibilita de realizar seus desejos mais obscuros. Desejos estes, muitas vezes, sado masoquistas.

Com tamanho machismo, alguns chegavam a firmar que as cortesãs, tinham-nas para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todos os dias; e as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar. Ou seja, a mulher com qual eram casados servia apenas pra lhes dispor status, filhos e família. Não sentiam prazer sexual com as esposas, este direito era negado a estas mulheres e o sexo só tinha um sentido: a procriação.

Nesse caso, a figura da prostituta se configura como objeto de desejo, como mediadora da realização das fantasias sexuais dos que as procuram e pagam para terem seus desejos concretizados. E se colocam na condição de fruto de interdição devido a todas as condições pejorativas que a cercam.

As questões sociais, familiares, culturais, políticas, psicológicas, de violência e de saúde, apresentados neste estudo, mostram que, embora a prostituição se configure como uma prática antiga, ainda não está devidamente regulamentada, que haverá sempre uma áurea de mistério, assim como de preconceito que a manterá distante da procura de novos caminhos.

Os discursos feministas que defendem os direitos e a liberdade feminina, em diversos campos, ressaltam que a legalização da profissão torna-se “um insulto às mulheres, bem como um total menosprezo das condições que levariam tais mulheres a se submeterem e mesmo defenderem a profissão que exercem.” (ALVES, 2010, p. 52) Esse argumento fundamenta-se na defesa de que a prostituição não deve ser regularizada, formalizando a mulher como vítima perante aos pressupostos já expostos no decorrer deste trabalho.

Encerrando as arguições teóricas acerca da temática apresentada faremos a seguir, abordagens sobre a obra “Um ramo para Luísa” (1987), de José Condé.

2.1. Um ramo para Luísa: Apresentação da obra

José Ferreira Condé (1917-1971) mais conhecido por José Condé, nasceu na cidade de Caruaru, agreste do Estado de Pernambuco. Com o falecimento do pai, em 1930, mudou-se para Petrópolis, Rio de Janeiro. Publicou o primeiro livro em 1945 “Caminho da Sombra” Escritor premiado, alcançou diversos prêmios com a publicação de suas obras. Procurava retratar concomitantemente, o regionalismo e o urbano, numa linha que migra por estilos como o dramático, o fantástico, o épico e o pitoresco.

Ganhou visibilidade popular com a publicação da novela “Um ramo para Luísa”, composta por cinquenta e um capítulos, apresenta personagens solitários, ansiosos por amor e em busca da própria identidade. Publicado pela primeira vez em 1959, tendo uma segunda edição em 1987 pela Editora Record, “*Um Ramo para Luísa*” é um romance que intercala fragmentos narrados em primeira, com uma linguagem direta e diálogos curtos, faz alternâncias entre os fatos ocorridos com as personagens, sem, necessariamente, seguir uma ordem cronológica entre os acontecimentos.

Além de um romance que mostra a fragilidade do amor das personagens principais, que acarreta num trágico fim para uma delas, “*Um ramo para Luísa*”, também pode ser visto como uma crônica da vida noturna de Copacabana, no Rio de Janeiro, um dos grandes centros de prostituição do país.

De acordo com Vieira (2016, p.15), “Sob a ótica criadora do autor, situações, conflitos, atitudes e valores humanos podem ser representados na ficção pela transcendência do real e consequente mergulho no mundo da imaginação.” A literatura possibilita essa liberdade ao autor de utilizar a imaginação em função de sua obra, sem se prender as limitações do mundo real. São intercaladas situações de realidade e ficção onde “[...] é possível criar uma supra-realidade em que o humano é retratado pelo filtro da criatividade do autor...”, Vieira (2016, p.16). São explorados múltiplos sentimentos para que o leitor tenha uma visão ampla dos fatos, com maiores artifícios e os compreenda mais facilmente.

Em sintonia com esta concepção, Ferro (1997) discorre,

Nesse lugar antológico privilegiado, que é a ficção, o homem se transforma imaginariamente no outro, vendo, vivendo e contemplando a plenitude de sua condição mediante as personagens que, mesmo fictícias, trazem ao leitor uma experiência semelhante à da vida real. A personagem torna vivas as situações que a circundam, já que é o mais vivo no romance. É condição indispensável à leitura deste, a aceitação da verdade da personagem (FERRO, 1997, p.10).

Nesse entendimento, *“Um Ramo para Luísa”*, mostra a visão do autor sobre a prostituição, empregando a ficção para ressaltar a realidade de muitas mulheres, a situação social e econômica do seu tempo, e, mostra ainda as possíveis consequências para quem exerce essa profissão, através da compreensão de mundo e de espaço, no qual o autor convive - “A interpretação que se faz do ser humano depende do tempo e das situações, e do espaço também” (FERRO, 1997, p.11). Há as concepções do autor, as situações que circunda as personagens, e também as concepções do leitor, que emprega suas próprias impressões para compreensão da obra literária, que busca similaridades entre o fictício e o real.

Realidade e ficção são empregadas para proporcionar ao leitor mecanismos de compreensão do universo humano e interagir nele através da mensagem que se pretende transmitir. Sobre essa interação entre autor, mensagem, receptor e possíveis motivações provocadas no leitor, a literatura exerce um papel bastante relevante, como veículo de propagação da mensagem. Essa afirmação baseia-se na análise da função da literatura como “força humanizadora” e, não somente, na sua estruturação que consiste na construção de tópicos e elementos textuais. Segundo Ferro (1997),

É na obra de arte literária que nos defrontamos com seres humanos definidos e definitivos, transparentes, que vivem situações exemplares positivas e negativas. Tomam decisões e agem diante de valores morais religiosos, políticos, sociais, econômicos e culturais, ou mesmo uns ao lado dos outros (FERRO, 1997, p. 10).

“Um Ramo para Luísa” é uma obra literária, delimitada ao espaço do Rio de Janeiro, que instiga questionamentos sobre o indivíduo e as questões sociais, bem como a influência que esses dois campos exercem um sobre o outro. É um romance que retrata o universo da prostituição feminina, o lado cruel da profissão, com as desventuras, sofrimentos, insatisfações, solidão e tragédias que recaem sobre a personagem Luísa. Dentre os condicionantes sociais que impulsionaram a prática da prostituição por parte do sexo feminino, Engel (2004) considerando,

geograficamente, o espaço do Rio de Janeiro oitocentista, cita o aumento excessivo do número de imigrantes (em grande parte, portugueses) e também de ex-escravos que, com o advento da abolição, saíram da zona rural e foram para zona urbana a fim de vender a sua mão-de-obra, porque agora tinham de prover o próprio sustento.

Contudo, como faltava a esta classe alfabetização e qualificação profissional, os ex-escravos não tinham como se adequar às novas exigências do mercado de trabalho e, de certa forma, essa falta de adequação à atual dinâmica social gerou uma grande desordem social. Pois, no caso dos escravos, estavam aparentemente livres, mas presos à falta de oportunidades, ao abandono e ao descaso das autoridades, sujeitos à própria sorte.

Todavia, Engel (2014), ressalta que o perfil econômico-social e cultural da prostituta no Rio de Janeiro no século passado era diversificado, e variava entre as do baixo meretrício e a prostituição de luxo. Mas, reafirma que a condição financeira é a principal motivação de incidência na prostituição (p. 26).

Se o número de pessoas na cidade era bastante expressivo, o número de empregos não era condizente com a quantidade populacional e, para piorar, faltava mão-de-obra qualificada de forma que as pessoas que prestavam determinados serviços recebiam remuneração exígua. Sendo assim, com a depreciação não só salarial, mas também habitacional e higiênica, “As condições de sobrevivência para os seguimentos sociais pobres tornaram-se cada vez mais precárias” (ENGEL, 2004, p. 24).

Dentro desse cenário, o sexo feminino sofria consequências ainda mais graves se considerarmos, além das dificuldades acima, que afetavam homens e mulheres, os preconceitos que limitavam bastante as atividades que podiam ser desenvolvidas pelas mulheres:

Assim, não restavam à mulher livre e pobre, ou mesmo escrava de ganho, muitas alternativas, além do serviço doméstico, do pequeno comércio – quitandeiras, vendedoras de quitutes etc. –, do artesanato – costureiras, por exemplo – e outras atividades como lavadeiras, cartomantes, feiticeira, coristas, dançarinas, cantoras, atrizes e prostitutas – quase todas, ocupações profundamente depreciadas na sociedade da época (ENGEL, 2004, p. 25).

Ainda em harmonia com Engel (2004), ressaltamos que, mesmo levando em consideração a procura bastante significativa da mão-de-obra feminina pelo setor

fabril em desenvolvimento no Rio de Janeiro, em meio à década de 80, “a demanda e os salários eram baixíssimos – inferiores, inclusive, à remuneração do operariado masculino.” Logo, “A prostituição permanecia, assim, como uma alternativa importante de sobrevivência para a mulher, oferecendo em alguns casos a possibilidade de ganhos mais expressivos” (ENGEL, 2004, p. 25).

Talvez, por isso, é que o fenômeno da prostituição sempre tenha sido creditado à figura da mulher que ocupava o lugar ambivalente de vítima e, ao mesmo tempo, responsável pela manutenção da prostituição. Esta ambivalência pode estar associada ao fato de que, ao mesmo tempo em que algumas mulheres necessitam se submeter à prática da prostituição como uma alternativa para prover recursos, visando abrandar suas necessidades financeiras e buscando a subsistência familiar; talvez, em diversos casos, não empregassem esforços suficientes na tentativa de sair da situação de submissão e de subordinação às convenções às quais foram induzidas, e, a elas permaneçam condicionadas, sem motivações para conquistar outras formas de prover seus recursos.

É esse, pois, o contexto que serve como palco para as ações ao longo da narrativa da novela de José Condé. Em “*Um ramo para Luísa*”, o cenário é o Rio de Janeiro. Prostituição e solidão são os canais que vão unir a vida dos protagonistas Paulo e Luísa.

Ele, jornalista; ela, prostituta. A novela inicia-se em *in ultima res*, ou seja, já nos é apresentado o desfecho: Luísa está morta e Paulo encontra-se velando o corpo dela em um necrotério. Além dele, apenas uma senhora estava cuidando do corpo de Luísa: “A mulher gorda voltou a sentar-se ao lado do caixão. Ninguém mais na pequena capela do necrotério” (CONDÉ, 1987 p. 9).

Embora tenha se relacionado com diversas pessoas ao longo da vida, não havia mais ninguém além de Paulo e da senhora para velar o corpo de Luísa. Logo no início da obra temos a informação e podemos concluir a partir dela, que a solidão de Luísa perdurou até o momento de sua morte.

Paulo era filho de um rico comerciante, estava desnortado diante dos últimos acontecimentos: o relacionamento conturbado com Luísa, cheio de desencontros, brigas e desconfianças e, recentemente, pelo falecimento dela. Assim como, estava sobrecarregado por uma vida que, embora fosse movimentada, com trabalho, encontros amorosos, reuniões sociais, em sua essência, apresentava-se vazia. Pois,

ao longo da obra, Paulo dá demonstrações de que vive uma vida em busca de objetivos e de sentido para a sua existência. Para Vieira (2016, p. 160), Paulo é dominado por uma vontade devastadora de encontrar com outras pessoas no intuito de preencher o vazio que sente.

Paulo é um homem frustrado e infeliz que passa a questionar-se em busca de explicações para as consequências que vivencia no momento. Utiliza o álcool e os ambientes comuns à profissão de Luísa, tornando-se constantemente frequentados por ele próprio, como refúgio para os tormentos que se apoderaram do seu ser. *“Não suporto mais este cheiro de uísque, cheiro de cigarros, cheiro de mulher da vida. Com os diabos, só beberei mais um. Um apenas. Garçon! Onde felicidade neste mundo, tolerância, compreensão?”* (CONDÉ, 1987, p. 11). No entanto, percebemos que esses lugares não estavam servindo ao propósito de Paulo que buscava exteriormente soluções para superar seus problemas interiores.

Antes de se relacionar com Luísa, Paulo manteve um relacionamento amoroso com uma mulher casada, rica, chamada Irene, que frequentava os mesmo eventos sociais que ele. Irene estava constantemente sem a presença do esposo, que estava sempre ocupado com o trabalho. Era uma mulher que procurava preencher, com outro homem, a lacuna deixada pelo esposo, em função do trabalho.

Nesse mesmo período, Paulo conhece Luísa em um bar noturno, por intermédio de uma discussão dela com uma colega da noite, por causa do pagamento de um dinheiro que a colega havia tomado por empréstimo.

O narrador retrata Luísa como uma mulher mal tratada pela vida, infeliz, com um casamento mal sucedido, que exercia a prostituição. A princípio, Paulo e Luísa não tiveram envolvimento sexual, vindo a acontecer após alguns meses em que haviam se visto pela primeira vez no bar. *“Durante cinco meses não voltei a vê-la senão rapidamente e, assim mesmo, duas ou três vezes”* (CONDÉ, p. 20, 1987). Além de prostituta, Luísa era atriz e cantora. No entanto, não alcançava êxito como atriz, numa carreira inconstante, associada à prostituição nos bares noturnos. Nesse período era bastante comum que as profissões de cantora e atriz fossem tachadas de prostituição.

Luísa era uma mulher misteriosa, que fazia de tudo para esconder seus reais sentimentos, sonhos e esperanças; seu passado; seus anseios; todas as amarguras vivenciadas; e as circunstâncias que a impulsionaram a viver solitária e na

prostituição. Ela encontrou em Paulo, um suporte para amenizar suas dores, tornando a caminhada mais leve, pois apresentava indicações de que estava apaixonada por ele. O que pode ser comprovado quando afirmava que queria que com ele “fosse diferente”, no entanto, ela não conseguia se desvencilhar do rumo que sua vida havia tomado, e mesmo após seu envolvimento com Paulo, continuava exercendo a prostituição.

A respeito dos propósitos das personagens, Vieira (2106) menciona que,

Tanto o narrador como a prostituta saem pelas ruas e bares como seres famintos de sentimentos em busca de uma ocupação que os afaste do isolamento. Ele procura por meretrizes que o retire da solidão, mesmo que seja momentaneamente; ela busca pelo dinheiro necessário a sua sobrevivência, mas também procura preencher o tempo vazio (VIEIRA, 2016, p. 164).

A personagem Luísa via na prostituição, a forma mais favorável para conseguir dinheiro, pois a carreira artística era inconstante e não lhe trazia êxito. Luísa agia como se não fosse merecedora de mudar de vida, também se punia ao privar-se das possibilidades de conquistar alguns direitos que a vida havia lhe tolhido, como família, casa, amor, filhos, por exemplo. Seu filho havia falecido de fome quando esteve presa, depois de uma batida policial em um dos locais em que circulava para conseguir clientes. Ao retornar ao local em que vivia com o filho, ele não havia resistido à fome. No momento em que se passa esse episódio, Luísa relata na delegacia que seu filho encontra-se sozinho, mas desacreditada, desmoralizada, descredibilizada, os policiais não acreditam no que ela fala. Ou seja, por ser puta não poderia estar dizendo a verdade.

A prostituta é considerada contraventora da ordem pública e as atividades que envolvem a prostituição são consideradas crime, embora não enquadrem a prostituição em si, conforme menciona Rodrigues (2004, p. 165), cabendo constantemente intervenções policiais, órgão responsável por manter a ordem. Entre encontros e desencontros, Luísa e Paulo não conseguem construir um relacionamento que priorize o respeito e a confiança. Por causa de todos os antecedentes, desacreditam um do outro e da vida. Mesmo assim, ela começa um envolvimento com outro homem, um comerciante rico, e torna-se sua amante. Ele a coloca para viver em uma casa e lhe disponibiliza uma situação financeira confortável. Mas Luísa não consegue se distanciar do jornalista. Neste jogo de vida

dupla, o comerciante descobre, começa a maltratá-la, tenta evitar que seja traído e passa a impedir que ela saia de casa.

Nesta passagem, podemos constatar que Luísa assim como a maioria das prostitutas era tratada como objeto de posse do comerciante, isto é, a coisificação da pessoa.

Quando consegue uma fuga, Luísa marca encontro com Paulo, que está desacreditado dos seus sentimentos e das histórias dela. Depois de fazerem sexo, liga para o homem com quem ela também está tendo um caso. O homem vai ao encontro de Luísa, e, a partir daí, ocorre o desfecho que finaliza o romance e, ao mesmo tempo, dá início ao tormento de Paulo, que começa a descrever sua história com Luísa.

2.2. Prostituição, amor e dor: representações em *Um Ramo para Luísa*

Nos textos literários acerca da prostituição feminina, a descrição física das prostitutas segue um perfil característico: elas procuram se apresentar de modo a atrair a atenção dos clientes para com o corpo - instrumento de trabalho, perfumadas e vestidas de forma chamativa,

A noite será longa. De botinas altas e espartilho cavado, boca vermelha e olhos esfumados, descem até a rua e conquistam, com passo lascivo e ao mesmo tempo alegre, o coração das cidades. Procuram os focos de luz, os cafés animados, os restaurantes abertos. Levantam um pouco a saia e lançam olhares. (ADLER, 1990, p.9)

Os cuidados para com o corpo, pele, maquiagem são comuns, uma vez que fazem parte do conjunto de sedução da prostituta, no entanto, Alves (2010, p.133) afirma que para batalhar clientes não há uma prática única, “A cada interação são utilizadas táticas de sedução e *performance* diferenciados[...]”. A interação varia principalmente para as prostitutas de bordeis, que abordam conforme análise antecipada do tipo de cliente.

Ratificando estas afirmações, nos reportamos à novela de Condé (1987, p. 30): “Estou notando melhor agora: você é bonita, Luísa. Sinceramente. Muito bonita. Gosto dos seus olhos tristes. Diga: você se chama mesmo Luísa, ou é nome de

guerra?” Com esta observação, Paulo demonstra que, de início, a beleza dela não foi o que lhe despertou a atenção.

A beleza externa, mesmo sendo um item relevante e atrativo para fomentar o interesse dos clientes, aqui parece não influenciar para a elevação da autoestima, sendo vista apenas como um recurso para seus objetivos profissionais. A beleza de Luísa não reflete em seus olhos e alma. Acerca da beleza para o sexo feminino, vejamos o que diz Wolf (1992):

A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 1992, p. 15).

Esta concepção faz alusão aos padrões que estabelecem graus de beleza, determinando a atribuição de valores de acordo com nível, através dos quais a mulher é classificada. Os indicadores dos padrões da beleza exterior também influenciam as prostitutas, pois estão inteiramente ligados à satisfação da ânsia visual masculina, devendo ser levados em consideração devido à atividade que exercem, quando a aparência física é um item relevante e um atrativo a mais.

Ao frequentar ambientes que favoreçam a conquista de possíveis clientes, a prostituta, fisicamente, se enfeita como um objeto de desejo, capaz de despertar interesses naqueles que se dispõe a pagar por momentos de prazer para com elas. “Para haver prostituição tem que haver o corpo corruptível, quase sempre o da mulher, dentro dos parâmetros da sociedade machista, pois nenhuma condição biológica poderia argumentar que o homem não é passível de prostituição” (FERRO, 1997, p. 18). Ferro destaca que, sob uma visão machista, a atribuição da “culpa” pela existência da prostituição recai sobre a mulher, quando, para que se concretize, deve haver o prostituível e o prostituidor.

Em *“Um Ramo para Luísa”*, a personagem principal está sempre acompanhada por um cliente. Parece ter consciência das desventuras de sua profissão, não revelando muito sobre si. Trata a prostituição como um negócio, até conhecer Paulo, que, desde o início, gostaria que a visse como uma mulher, e não somente como alguém que vende o corpo, conforme observa-se: “[...] -Mas eu

queria que você dormisse hoje comigo. Ela sorriu: -Ainda não. Pelo menos com você quero que seja diferente” (CONDÉ, 1987, p.19).

As prostitutas que o romance de Condé (1987) retrata, são mulheres que estão na profissão como forma de conseguir dinheiro mais rapidamente. São humildes, vindas de famílias com pouco ou nenhum recurso financeiro e sem estrutura familiar. Vejamos como a personagem Luísa descreve os pais, após ser indagada por Paulo, com o propósito de conhecer o passado dela, para melhor compreender suas atuais atitudes:

Minha mãe não gostava dele, vivia recebendo homens, nem se importava com a minha presença. Todas as noites era a mesma coisa: eu ficava ouvindo eles gemendo no quarto ao lado. Metia a cabeça no travesseiro, mas era inútil. Quando não suportava mais, eu me levantava e ia para a calçada. Tinha nojo daquilo e gostaria de contar tudo. (Condé, 1987, p.49-50)

Luísa representa as mulheres na novela de Condé, que procuram fazer da prostituição, um trampolim que possa conduzi-las para fora dessa situação - sem dinheiro, com um pai que fecha os olhos às traições da esposa, desonesto e amoral; e uma mãe infiel.

O narrador continua: “Passamos fome, deixei de frequentar a Escola Normal, chorava o tempo todo. Foi, então, que descobri: o dinheiro era muito mais importante do que eu supunha. Meu pai tinha razão: dinheiro era tudo na vida” (1987, p. 50).

Conforme a vasta literatura sobre o assunto, sabemos que a maioria das mulheres que ingressam na prostituição é levada, principalmente, pela falta de dinheiro. Essa foi também a realidade da protagonista da novela de Condé. Luísa reluta em falar sobre sua vida particular. Mas, ao contar sua história familiar, acaba dando razão ao pai, que nem sempre buscava meios lícitos para conseguir ganhar dinheiro.

A infidelidade da mãe; o comportamento e o abandono do pai; a miséria pela qual passou; o relacionamento familiar, em que não havia demonstração de amor, companheirismo e respeito, possivelmente, foram os fatores que contribuíram para Luísa ingressar na prostituição.

Olhou-me dentro dos olhos, quando indaguei:
- Era isso que eu queria ouvir?...
- Não. Você teria preferido que eu inventasse uma história bonita e comovente. Agora vou dizer por que contei somente a verdade. É que eu

não saberia mentir a você. Lembra-se de quando lhe disse que com você queria que fosse diferente? Pois, foi. A gente poderia ter dormido junto há mais tempo, não é? Mas preferi esperar. Ou melhor: eu não desejava sinceramente que tivéssemos ido para a cama. Não quero gostar de ninguém.

Respirou com força:

- Mas aconteceu. Paciência. Embora eu não quisesse gostar de ninguém, repito. (CONDÉ, 1987, p. 50)

Paulo não fica satisfeito com a história que Luísa relatou sobre seus pais e sua vida. Mas, ela informa que só contou porque, com ele, era diferente, pois não costumava contar a verdade sobre sua vida para os outros. Perante a insatisfação de Paulo poderíamos abrir algumas conjecturas: ele não acreditar na história que Luísa lhe contou ou ele supor que Luísa entrou na prostituição para conseguir dinheiro aparentemente fácil, por exemplo.

Porém, nota-se que Paulo não ficou satisfeito, após relatos e percepções dela, por Luísa ter dado razão ao pai, ao concluir que o dinheiro está à frente de qualquer coisa e, ela estava priorizando o dinheiro, tal qual ele tinha feito. Torna-se ambíguo o posicionamento Luísa, ao fazer esta afirmação e, em seguida, demonstrar que diferencia Paulo dos demais homens, que não o trata como um mero cliente, declarando que o considera alguém especial.

Essa diferenciação de tratamento de Luísa para com Paulo em relação aos demais se iniciou pelo fato de que ele nunca a havia visto até aquele episódio ocorrido no bar noturno, em que ela e uma colega entraram em discussão porque a outra estava em débito financeiro para com Luísa. Sem conseguir que a dívida fosse saldada e quase impedida de retornar àquele bar, Luísa fica frustrada. Por isso, ele se comove com o desespero dela e a presenteia com o exato valor devido pela outra, pois no momento da discussão, ela declara que está necessitando do dinheiro para cuidar do filho que está doente.

A atitude de Paulo motivou o comportamento de Luísa em relação a ele, a partir daquele instante. Seu gesto incomum a fez perceber que, com ele, havia alguma possibilidade de ser diferente, alguém em quem pudesse confiar. Por esse motivo, adiou a possibilidade de fazer sexo com ele, pois o fato de dormirem juntos poderia exercer familiaridades com a profissão que exercia, tornando-o igual aos demais, ou seja, mais um cliente.

Neste mesmo diálogo, Luísa manifesta seu posicionamento de não se envolver emocionalmente com ninguém. Sabe que, na sua profissão, não há espaço

para envolvimento emocional. Não seria conveniente se apaixonar, podendo acarretar em transtornos para ambos os lados. Em especial para ela, que não teve uma vida fácil, até aquele momento.

Nessa troca de serviços, em que o corpo é oferecido como instrumento para satisfação física, prazer e realização de fantasias, quem oferta deve se isentar das próprias satisfações e realizações, pelas de quem paga pelos serviços ofertados. Normalmente, a prostituta não seleciona clientes, estando sempre à disposição de quem se propõe a pagar, não havendo a necessidade de conhecê-los anteriormente.

Nesse sentido, Alves (1985), ao citar Maria Dulce Gaspar, faz a seguinte alusão sobre o entendimento da prostituição:

[...]a compreende como pertencendo a um contínuo de comportamentos que põem em foco a relação entre mulheres e homens passando pelo domínio sexual e pela obtenção de favores, simplesmente através do dinheiro ou de outras facilidades quaisquer (GASPAR, 1985, p. 61 apud ALVES, 2010, p. 14).

Esta afirmação corrobora a compreensão de que, no exercício da prostituição, os sentimentos devem ser reprimidos, e as mulheres, subjugadas à venda de serviços. Sob este aspecto, Freitas (1985, p. 30) afirma que “O “programa” é a unidade elementar da atividade da prostituta, sua execução requer acordos prévios sobre três itens: as *práticas*, ou o conteúdo do serviço que será prestado; o *preço* deste serviço e o *tempo* disponível pela prostituta”.

Mais adiante, na mesma página, Freitas (1985), ao se referir às práticas que devem ser previamente acordadas, continua: “Assim, o coito, o sexo anal e o sexo oral são práticas que podem ser combinadas sem maiores constrangimentos. O mesmo, todavia, não ocorre em relação a práticas que se referem a demandas afetivas (beijo, carícias, etc.), [...]”. Dentre os serviços que são prestados na prostituição, não deve haver a inclusão de demonstrações afetiva entre as partes.

“– *Mas aconteceu. Paciência. Embora eu não quisesse gostar de ninguém, repito*” (CONDÉ, 1987, p. 50). Luísa afirma que está gostando de Paulo, no entanto, este sentimento não parece trazer paz para a personagem. Em outros momentos, Paulo também afirma que está gostando dela: “– Sabe? Eu gostava dela mais do que tudo na vida” (CONDÉ, 1987, p. 53). Esta declaração é feita quando ele está vagando pelas ruas, sem rumo, e transtornado pelo que havia ocorrido com Luísa; “–

Gosto muito de você, Luísa. Agora, tenho certeza. E a sensação não é boa”. Luísa responde: “– O amor é triste” (CONDÉ, 1987, p. 56).

Ao se despedirem, ela comunicou que iria a São Paulo e retornaria dentro de quinze dias. No trecho seguinte, vemos o diálogo das personagens:

“– Quero te fazer um pedido.
– Sim.
– Quero que acredite sempre no que lhe digo.
– Prometo.
Segurou-me a mão.
– Viajo amanhã para São Paulo.
– O quê?
– Vou ficar quinze dias sem você.

Dois dias mais tarde ao passar pelo Metro Copacabana, via-a entrando de braço dado com um sujeito”. (CONDÉ, 1987, p. 57)

Ao tentar enganá-lo, Luísa desmorona as possibilidades de construção de um envolvimento mais estável. Por outro lado, ela não conhece nada da vida de Paulo. Neste jogo amoroso, em que estão atraídos sexual e emocionalmente, há cautela de ambos os lados de abrir espontaneamente o coração para o sentimento de amor que nutrem um pelo outro.

O amor que sentem não é suficiente para que revejam seus conceitos e posicionamentos referentes a si próprios, de um para com o outro, e do relacionamento que estava germinando. Talvez por não conseguirem assumir. Isto é, Luísa não consegue assumir ou acreditar que Paulo esteja gostando dela e Paulo por sua vez não suporta a idéia de estar gostando de uma prostituta. A desconfiança permeia o relacionamento dos dois.

Apesar dessas adversidades, Luísa e Paulo passam a se encontrar com mais frequência, mesmo com as ausências prolongadas e sem explicações verídicas, por parte dela. Viajam juntos e dividem o mesmo quarto quando estão participando da companhia de teatro – ele, como escritor, e ela, como atriz. Mas, mesmo já tendo vivenciado um período prolongado de relacionamento, eles relutam em se deixar dominar pelos sentimentos, uma vez que Luísa não havia abandonado completamente a prostituição, e Paulo parecia não acreditar suficientemente nela e nos sentimentos que afirmava sentir. É um sentimento que não desperta mansidão, serenidade, bem-estar e paz. Mas, ao contrário, desperta angústia, incertezas e sofrimento.

Paulo traduz este sofrimento, ao constatar que Luísa havia mentido para ele: “[...] Esse ponto já não me preocupava. O que me fazia sofrer, realmente, era sua expressão naquele instante: impassível – como se estivesse estado comigo na véspera. E, no entanto, havia mais de um mês que não nos víamos” (CONDÉ, 1987, p. 62). Esta discussão ocorre porque Paulo descobre que Luísa havia mentido depois de pedir que ele acreditasse no que lhe dizia.

Oportunamente, ele reavivava sua condição de “puta” nos momentos em que discutiam: “– *Você é apenas uma puta, Luíza*”. Ela sorriu. “– *Tem razão: sou apenas uma puta*” (CONDÉ, 1987, p. 62). Ela não buscava se justificar por estar ciente do que era, como se a uma puta não fosse cabível defender-se, por falta de argumentos, decorrentes da “condenação” imposta pela atividade de prostituta.

Amparados pela concepção de Freitas (1985), destacamos que, no tocante à formação da identidade, há a versão de que a prostituta se vê sob a ótica alheia. Colocando-se semelhantes ao modo como são tratadas e denominadas socialmente: “Há, todavia, fragmentos da identidade da prostituta que não são construídos nos cursos de suas interações cotidianas. Mas sim, em um nível abstrato: quando elas se comparam e reagem aos “outros” (FREITAS, 1985, p. 83).

Esta colocação refere-se ao abandono da subjetividade pessoal pela da coletividade, uma vez que, as questões individuais, motivações sonhos e sentimentos são ignorados. A prostituta passa a se ver pelo olhar da maioria das pessoas, que as classificam de forma pejorativa, como mulheres inferiores as outras mulheres que, “socialmente”, seguem as normas, sem se desviar do “modelo” preestabelecido para a mulher considerada adequada para relacionar-se, que é a Amélia – dona de casa, amorosa, respeitável, passiva e pronta para servir ao esposo e à família.

Essa condenação social e pessoal passa a ser considerada natural à forma de enxergar e de tratar a prostituta, inclusive, para ela mesma. O estigma de mulher perdida e amoral cristalizado socialmente persegue a prostituta.

Ao explicar a questão da subjetividade, Ferro (1997) menciona Baudelaire para fazer um paralelo entre prostituição e outras formas de repreensão da subjetividade em troca de favores, serviços ou retribuição financeira. Sob esses aspectos, a prostituição aparece associada à negação de si mesmo, não só no aspecto físico, mas também no que corresponde ao aspecto intelectual: “Quem se

prostitui, de uma maneira ou de outra, deixa de ser o dono de si mesmo, transferindo a desfrutação de seu ser a quem o queira possuir sem ser dono, sem legítimo poder (FERRO, 1997, p. 18).

Aquele que se coloca à apropriação de outrem, anula-se à mercê do possuidor, que se coloca no direito de usufruir do que “barganhou”. Aqui, não destacamos o mérito da legalidade. O termo barganha, no caso da prostituição, pode ser empregado para referir-se à apropriação física momentânea, em que as vontades, desejos, expectativas e sonhos, são anulados em favor de quem detém este poder.

Ferro (1997) afirma que isto acontece quando se negociam empregos, projeção social, oportunidades de relacionamentos diferentes, aprovação em concursos, viagens e visita a lugares pitorescos, por exemplo. Ao fazer esta afirmação, a autora destaca que, numa visão machista, a prostituição está comumente relacionada à mulher. No entanto, ao considerarmos estas concepções, observamos que ela abrange outros aspectos, quando se faz menção a receber alguma espécie de vantagem ou dinheiro, em troca do que o outro dispõe a negociar. Podendo haver prostituição por apropriação física (sexo) e “mesmo intelectual” (p.18).

O estigma da prostituta (desacredita, marginalizada pelos padrões, éticos, morais, sociais e religiosos) concretiza-se na fala do amigo de Paulo, enquanto conversam sobre a discussão que Paulo tivera com Luísa. O amigo opina: “– Foi ela que lhe contou essa história. Contam sempre a mesma coisa. Mulheres desse tipo não têm muita imaginação”. Na sequência da conversa continua: “– Não acredito na metade do que elas dizem” (CONDÉ, 1987, p. 63). Sem aceitar o conceito do amigo que apresenta uma visão generalizada do modo como as “putas” agem para tentar comover os clientes, se utilizando do emocional, Paulo procura argumentos para explicar o comportamento da amada, afirmando que eram verdadeiras suas histórias.

– Não. Vou dizer mais: toda a vida dela tem consistido numa coisa: procurar outra parte que foi perdida na infância. É uma procura inexorável. E sem esperança de encontrar. Por isso, deixou o marido para ir viver com o primeiro sujeito experiente que lhe apareceu; por isso, igualmente, depois de viver algum tempo com esse homem, tornou-se prostituta. Em lugar algum encontra paz

[...]

Sou como Luísa: também procuro a outra parte perdida de mim mesmo. (CONDÉ, 1987, p. 63, 64).

A vida tanto de Paulo quanto de Luísa foi marcada por sofrimento. Porém, na dele, o sofrimento foi mais ameno. Já na de Luísa, desde criança, passou por situações que marcaram sua vida, contribuindo para que se tornasse o quê se tornou até o momento. Tudo isso motivou-os, principalmente Paulo, a buscar algo que os liberte dos sentimentos que afloram a dor.

2.3. Luísa e Paulo, sob as consequências da desconfiança e da traição

Pelo que expusemos na seção anterior, Luísa e Paulo já estão se relacionando há algum tempo. Envolveram-se emocionalmente, fugindo às regras entre prostituta e cliente. Mas, diante do que foi exposto até aqui, vimos que não conseguiram construir um relacionamento estável, no qual houvesse respeito e confiança.

Ao tomar conhecimento dos acontecimentos do passado de Luísa, Paulo se sente mais atraído, querendo protegê-la e libertá-la do emaranhado de sentimentos que a atormentam, tais como: frustração, dor, amargura, solidão e raiva. Todavia, havia ainda suas próprias desventuras; e, ansiava pela possibilidade de que, talvez, um pudesse encontrar no outro um refúgio para amenizar as lacunas que esses sentimentos haviam acarretado a ambos durante todos esses anos:

“... Que importa que seja uma puta? Importa apenas que eu tenha encontrado nela – e a gente encontra sem saber mesmo por que – aquilo que eu sempre andei procurando, dolorosamente. Para o diabo as convenções. Quero ter a coragem de ser eu mesmo” (CONDÉ, 1987, p. 64).

A esta altura, o personagem demonstra não dar importância às convenções. Paulo deseja que Luísa também esteja disposta a lutar pelo sentimento que os une, o que não aparenta ser fácil para ela. Certamente, depois de toda uma vida de amarguras, crê que não há perspectivas de uma vida nova, tornando-se pouco provável, como se não fosse digna do amor, e, conseqüentemente, amar e ser amada.

Cada um deles com suas limitações e barreiras, dificultando com que se entregassem sem restrições. Pois, no que condiz à Luísa, sabia que seria difícil

conseguir libertar-se do que a vida havia lhe constituído: uma prostituta, ou seja, segundo Adler (1991, p. 11), a prostituta é alguém que, “por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente”. Ainda conforme a autora, a mulher não nasce prostituta, ela torna-se uma. O histórico de vida de Luísa pode ser empregado para justificar sua vida atual: ter se tornado prostituta. Por conseguinte, sem as mesmas possibilidades e perspectivas das outras mulheres, de construírem relacionamentos duradouros.

Ela estava bem ciente de que era uma realidade da qual não conseguiria desassociar-se: “– Desejaria que fosse assim, que pudesse ser assim. Mas jamais será. Nunca conseguirei me libertar de mim mesma. Serei a vida isto que você está vendo: uma mulher à-toa” (CONDÉ, 1987, p. 70). Esta constatação destrói em Luísa todas as motivações e esforços para lutar por mudança de vida pois sabe que a luta será em vão uma vez que ficará sempre explícita sua condição de mulher à toa.

Ao receber a proposta para participar de um grupo de teatro como escritor de quadros, Paulo propõe que Luísa também faça parte da trupe, pois vê nesta oportunidade a chance de conseguir afastá-la da prostituição e dos fantasmas que a perseguem. Além disso, a ocasião que propiciará que passem um tempo mais prolongado vivendo juntos. Esse poderia ser o ensejo que a faria repensar e que os tornaria mais próximos, ampliando as possibilidades de solidificar o relacionamento. Apesar do receio de Luísa, seguiram juntos com a companhia para outras cidades, apresentando as peças teatrais.

Durante o período em que estiveram viajando com a revista, Luísa presenciou Paulo confortando uma colega após uma briga dela com o dono da companhia. Ela supõe que está havendo algum envolvimento entre eles, ao interpretar, erroneamente, a demonstração de solidariedade e companheirismo de Paulo. A partir deste momento, Luísa muda o modo como vinham se relacionando, vai se distanciando, por desconfiar que ele esteja de caso com a colega. Qualquer aproximação entre Paulo e a colega aumenta as desconfianças de Luísa e termina em discussão: ela acusando-o de traição, e ele retruca dizendo que ela usa esse argumento como justificativa para retornar à vida que levava antes.

Provavelmente, Nora, a colega, tinha um caso com Leão, o proprietário da trupe, entretanto, não fica bem explícito, por isso, não dá para afirmar que eles tinham, de fato, um caso. Contudo, as desconfianças de Luísa não a abandonaram.

Paulo e Luísa continuam juntos, mas voltaram ao mesmo estágio de antes, baseado em suspeitas, desconfianças e incertezas, estes itens foram reavivados no relacionamento.

Luísa se mostra cada vez mais triste e retraída, só se libera na cama, como uma forma de aproveitar ao máximo aqueles momentos, antes de ir embora, despedindo-se aos poucos, o que acontecera algum tempo depois. Decepcionado e triste com a partida de Luísa, Paulo dorme com Nora, como se quisesse se vingar por ela ter fugido.

Depois de um tempo em que o teatro visitou várias cidades, Paulo retorna as atividades que exercia anteriormente: trabalho, amigos e festas. Porém, a tentativa de dar seguimento à vida, seguindo o mesmo ritmo anterior, não alcançava êxito. Já não conseguia encontrar sentido nas coisas que faziam. “Tédio – um tédio enorme que me parecia correr no próprio sangue. Alguém da turma telefonava: “Domingo vai ter almoço em casa de Mário Moreira. Não falte”. Prometia ir, mas não ia. Minha vida se limitava ao trabalho” (CONDÉ, 1987, p. 90). O trabalho era o refúgio para amenizar a tristeza provocada pelo abandono de Luísa.

Nessa tentativa de retomar a vida de sempre, passaram-se alguns meses, e, de repente, Luísa reapareceu, contou que havia reencontrado uma senhora que dizia ser sua mãe, que a chamou para morar com ela no seu apartamento, o qual era utilizado como uma espécie de *rendez-vous*. Luísa explica que a mãe falou que era velha e se sentia sozinha, para que a filha não a abandonasse.

Sobre a compreensão do termo *rendez-vous*, Freitas (1985) descreve: “Os rendez-vous são estabelecimentos bem menores. Eles supõem um salão central (inexistente na “zona”) dos mais variados padrões de requinte, ao redor do qual os quartos (dificilmente mais do que dez) são dispostos” (FREITAS, 1985, p. 26). Elas viviam nesse apartamento e a mãe alugava os quartos para encontros amorosos, também era uma espécie de cafetina e, ainda, era explorada por um amante jovem.

Luísa explica que a mãe lhe apresentou um senhor freqüentador da pensão que se interessara por ela. Este senhor era da sociedade e tinha boas condições financeiras. Desde então, estava morando em uma casa com ele. O senhor lhe dera de tudo – casa, empregados, roupas, carro e dinheiro. Porém, era muito infeliz, tinha nojo dele, não conseguindo mais suportar o que havia se tornado sua vida: o peso

imposto pela profissão de prostituta, em que sempre se submete a satisfazer as vontades alheias.

As vantagens financeiras não estavam sendo suficientes naquele momento. Antes de Luísa relatar o que havia ocorrido enquanto esteve ausente, Paulo questiona se ela irá mentir novamente.

Nesse universo onde pesa o segredo, onde a mentira e o escamoteamento são comuns, seria ingênuo pensar em alcançar o real e poder, como se não existisse problemas, reconstituir a vida das prostitutas, por definição escondida e definitivamente fora de alcance. (ADLER, 1991, p. 17)

Adler (1991) observa que o campo de vivência da prostituta é constituído de segredos, com certos fatos que permanecerão sempre ocultos, povoando o imaginário, o que torna ainda difícil apresentar, claramente, todas as faces de uma prostituta. De acordo com esse posicionamento, não adiantaria um procurar questionar o outro, pois haverá sempre incertezas sobre sua versão dos fatos. Os mistérios e segredos que as envolvem encobrem a possibilidade de alcançar a veracidade dos fatos.

Após informar que não mais a procuraria, caso fosse embora sem motivos, pautada somente pelo ciúme germinado pela desconfiança de que a estava enganando, mesmo tendo assegurado que não estava acontecendo nada entre ele e Nora, o protagonista parece triste e decepcionado. As explicações da sua amada foram analisadas sob esses antecedentes, por isso, não foram aceitas com a mesma compreensão de antes.

Apesar de receber compensações e comodidades financeiras, Luísa era mantida presa e maltratada fisicamente pelo homem com quem estava vivendo. Desse modo, ela procura retomar seu envolvimento amoroso com Paulo. Após alguns encontros, nos quais ela tenta se explicar, Paulo ainda sem confiar no que ela contava, e com os últimos acontecimentos a fervilhar em sua mente, ele cede e aceita se encontrar com ela em um local neutro.

O casal foi a um hotel no centro da cidade e lá fizeram sexo. Em seguida, Luísa pede seu auxílio para sair daquela situação que tanto a fazia sofrer, uma vez que, estava muito difícil para ela suportá-la. Afirmando que a ajudaria, Paulo saiu do quarto e fez uma ligação telefônica para o senhor com quem ela está vivendo:

O telefone atendeu do outro lado:

- É o senhor Abílio Marialva?
- Ele mesmo – respondeu a voz.
- Se o senhor quiser encontrar agora a Luísa, procure-a no quarto número 7 do Hotel Limbo (CONDÉ, 1987, p. 125).

Atormentado por lembranças e por alguns depoimentos proferidos por Luísa, e após prometer encontrar uma solução para o sofrimento dela, Paulo acaba expondo Luísa à mercê da própria sorte.

Após receber a ligação telefônica de Paulo, o senhor que estava vivendo com Luísa vai ao local informado por Paulo e encontra Luísa ainda nua sobre a cama. Enfurecido pela confirmação da traição, somado ao ciúme e à raiva, o homem dispara um tiro em Luísa, levando-a à morte.

Luísa foi velada por uma única pessoa: uma senhora gorda, da qual não temos mais nenhuma informação, e por Paulo que esteve lá por alguns instantes. Era uma noite chuvosa, havia apenas velas acesas e nenhuma rosa no recinto, Paulo verifica. Ante esta constatação, ao amanhecer do dia e cessar da chuva, Paulo realiza o seguinte gesto: “Abaixo-me e apanho um ramo (da haste pende uma camélia, suja, única, salpicada de água do monturo da rua ou da vida) e levo-o para a capela do necrotério. Um ramo para Luísa” (CONDÉ, 1987, p. 129).

A heroína vivia assombrada pelos fantasmas de uma vida inteira de amarguras, que se inicia desde a infância com a desestruturação de sua família e lhe acompanha por toda a vida. Fantasmas estes, de cunho emocional, sentimental, amoroso e financeiro.

Luísa seguiu o caminho da prostituição como meio para amenizar os problemas financeiros, aceitando essa opção de trabalho como a única que lhe cabia, pois não se considerava merecedora de outras possibilidades de conquistar uma vida diferente, devido a todos os infortúnios que vivera. A personagem está presa aos labéus que circundam a imagem da prostituta, através dos quais são classificadas como indignas, sem confiança, mentirosas e amorais. Ela mesma se intitula sob esses rótulos ao se declarar “puta” (CONDÉ, 1987), como se essa declaração fosse a constatação de que para ela não havia saída.

As mentiras, os longos desaparecimentos e o envolvimento de Luísa com outros homens, paralelo ao seu relacionamento com Paulo, culminaram com a total descrença por parte dele, na possibilidade de estabelecerem uma relação verdadeira, pois ele estava disposto a tentar. Mesmo estando apaixonada por Paulo,

ela não consegue abandonar a prostituição e se submete a um relacionamento com outro homem em troca de vantagens financeiras.

Diante de mais um envolvimento de Luísa, ela perde completamente a confiança do jornalista, que não acredita mais em seu amor. Sendo assim, não consegue lhe dar uma nova oportunidade, pois está decepcionado com as atitudes dela. Movido pela decepção e pela desilusão, Paulo não hesita em delatá-la ao seu detentor.

Quanto à Luísa, a descrença na vida, os estigmas oriundos da prática da prostituição, a falta de perspectivas, as frustrações, a solidão, o sofrimento e a grande infelicidade que a acompanhavam, foram maiores do que qualquer outra coisa. O fim trágico da personagem surge como uma consequência dos dissabores que a perseguiram a vida inteira.

Percebemos assim, que a narrativa está em consonância com os discursos sociais estereotipados. A mulher prostituta teria que sofrer um castigo por não se enquadrar nos ideais impostos socialmente, tem que permanecer à margem e a morte é a solução para um ser excêntrico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da prostituição se projeta como alternativa para muitas mulheres conseguirem sua sobrevivência e também familiar. No entanto, há diversos aspectos que a rodeiam, não podendo ser analisada somente sob esse enfoque. Sua prática compreende circunstâncias complexas de serem verificadas, necessitando uma visão aprofundada das várias dimensões que levam as mulheres a exercerem a prostituição.

As motivações que levam à prostituição ocasionam muitas discussões, que requerem estudos científicos apurados para se chegar a conclusões mais concisas. Os motivos são variados e circulam em volta da exclusão social, necessidades básicas de sobrevivência, políticas públicas, além da análise do papel que mulher desempenha na sociedade. Por fim, a prática da prostituição pode ser considerada como consequência dos acontecimentos históricos e não se observa nos dias atuais uma modificação considerável da mulher prostituta sobre quem recai a marginalização por transgredir os padrões estabelecidos socialmente para a mulher.

A prostituição continua sendo vinculada à moral, aos costumes e aos valores da sociedade patriarcal, assim como, continua a ser censurada, sendo os comportamentos de quem a pratica, indicados como desviantes por aqueles que resguardam o princípio da moral e dos bons costumes. A prostituta é vista com um amontoado de preconceitos. Nos últimos tempos, a questão da profissionalização da prostituição vem alcançando grande espaço. Os profissionais do sexo buscam na legalização uma dignidade ilusória. Mas, que suscita e endossa as discussões a cerca do caso, o que se torna relevante, pois se trata de um tema sempre atual, mesmo oriundo do início dos tempos, mas principalmente porque se trata de seres humanos, de vidas que buscam respeito.

A negação de si perante as circunstâncias da prática da prostituição se verifica em “Um ramo para Luísa”, ao se punir afetivamente em função do ofício. Elementos importantes como maternidade e amor são questões de difícil conciliação a uma mulher considerada de vida fácil, sendo ignoradas. No discurso da categoria de gêneros, corresponde a mulher a condição de submissão, através da qual os papéis sexuais de homens e mulheres são compreendidos com estruturas distintas na história. Essa categoria, ao constituir a proporção das relações de poder entre homens e mulheres, permite averiguar que a percepção dos poderes na esfera feminina, permitidos por uma situação de sujeição. Numa sociedade incutida de normas e valores que limitam ou impõem padrões de comportamentos, sobretudo no campo da sexualidade, a prostituição é uma prática marginalizada, especialmente em oposição aos papéis de mãe e mulher trabalhadora.

**ON THE MARGINS OF LIFE:
LITERATURE AND PROSTITUTION IN *UM RAMO PARA LUÍSA* BY JOSÉ
CONDÉ**

Maria Cristiane Saturnino Gomes

ABSTRACT

In general, prostitution is an activity that involves mystery, glamour, repudiation and social chastisement. It is characterized as one of the professions that has been practiced since antiquity, raising innumerable questions and motivating studies that seek to uncover the mysteries and all of the concealed identities involved. Beginning with theoretical contributions from Magali Engel (2004), Margareth Rago (2008) and Laure Adler (1991), this paper seeks to study how the relationship between women and prostitution is treated in the novel *Um Ramo Para Luísa* by José Condé. The objective of this paper is to analyze this novel with the intent to understand to what extent the representations of prostitution can be in synch, or not, with the socially constructed discourses about the same theme. Therefore, this paper pursues a historical understanding of how prostitution was and is viewed. It observes how the theme is treated in the bibliography presented in the references; and it reflects on the interpersonal relationships involving clients and prostitutes.

Keywords: literature, prostitution, female

REFERÊNCIAS

ADLER, Laure. **Os bordeis franceses**, 1830-1930 / Laure Adler; [tradução Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira]. – São Paulo: Companhia das Letras: Circuito do Livro, 1991.

ALVES, Fábio Lopes. **Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **“Criminologia e feminismo: da mulher como vítima à mulher como sujeito de construção da cidadania”**. In: CAMPOS, Carmen Hein de (Org.). *Criminologia e Feminismo*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 8ª reimpressão, 2012.

De MARCO, Valéria. **O império da cortesã: Lucíola, um perfil de Alencar** / Valéria De Marco. – São Paulo: Martins Fonseca, 1986.

CONDÉ, José. **Um ramo para Luísa** / José Condé. – Rio de Janeiro: Record, 1987.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)** / Magali Engel. – São Paulo: Brasiliense, 2004.

FERRO, Eula Pereira. **Prostituição e Romance** / Eula Ferro Pereira. – Goiânia, 1997.

FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, bordéis: Negociando Identidades** / Renan Springer de Freitas. – Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDSTEIN, Herman. confronting the complexity of the policing function. In: OLHIN, Lloyd E.; REMINGTON, Frank J. **Discretion in Criminal Justice: the tension between individualization and uniformity**. New York: State University of New York Press, 1993. Artigo recebido em 10 mai. 2004; aprovados em 17 jun. 2004.

LEITE, Gabriela. LEITE. Gabriela S. **Filha, mãe e vó puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. **Criminal woman and prostitute and the normal woman**. Translated by Nicole Hahn Rafter and Mary Gibson. Durham: Duke University, 2004.

NASCENTES, Antenor, **Dicionário de Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras** / elaborado por Antenor Nascentes. – Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1988.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce Veneno da Noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)** / Uelba Nascimento. – Campina Grande, 2008.

RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Revista Vernáculo, nº 28, 2º sem/2011, 187. **O DEBATE HISTORIOGRÁFICO ACERCA DA IDEIA DA "PROSTITUIÇÃO SAGRADA" NO ANTIGO CRESCENTE FÉRTIL**. Keila Fernandes Batista¹.

RODRIGUES, Renato Mori. **Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas no centro de Salvador** / Renato Mori Rodrigues; orientador Marcelo Afonso Ribeiro. – São Paulo, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e. **O papel da história na construção das relações de gênero**. Revista Artemis, vol. 8, 2008.

SOUZA, Fabiana Rodrigues de. **A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição** / Fabiana Rodrigues De Souza. --São Carlos, 2012.

TAVARES, Manuela. **Prostituição: diferentes posicionamentos no movimento feminista**. Disponível em <<http://barricadasabremcaminhos.files.wordpress.com/2010/06/prostituicaomantavares.pdf>>. Acesso em 05/12/2017.

VIEIRA, Patrício de Albuquerque. **Epitáfio para Luísa e Irene [manuscrito] : prostituição, solidão e morte no romance brasileiro** / Patrício de Albuquerque Vieira – 2016.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza – Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. Encontrado em: <http://brasil.indymedia.org/media/2007/01/370737.pdf>. Acessado em: 04/01/2018.